
Laura Bellini
Um Sussurro Sob o Peso da Seda
Nem toda tensão pode ser escondida atrás de uma cortina

Um Sussurro Sob o Peso da Seda

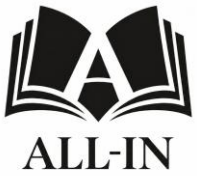
Nem toda tensão pode ser escondida atrás de uma cortina

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384902516

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - O Limite da Resistência 12
Capítulo 2 - As Condições da Proximidade 23
Capítulo 3 - O Que Não Se Vê 35
Capítulo 4 - Entre as Palavras 47
Capítulo 5 - O Direito de Dizer Não 59
Capítulo 6 - Uma Distância Segura 70
Capítulo 7 - Do Outro Lado do Silêncio 83
Capítulo 8 - Um Espaço para Dois 95
Capítulo 9 - O Peso da Confiança 108
Capítulo 10 - Além dos Limites da Cautela 119
Capítulo 11 - O Que Permanece Pela Manhã 131
Capítulo 12 - O Preço do Silêncio 143
Capítulo 13 - Tudo Aquilo Que Não Pode Ser Sacrificado 157
Capítulo 14 - A Verdade Entre Nós 169
Capítulo 15 - A Verdade Tem Seu Preço 181
Capítulo 16 - A Distância de Que Precisamos 194
Capítulo 17 - Minhas Próprias Decisões 205
Capítulo 18 - A Decisão Que Tem um Preço 215
Capítulo 19 - O Que Realmente Foi Preservado 225
Capítulo 20 - Sob o Peso da Luz 236

INTRO

A seda não deveria produzir um som parecido com o estalo de uma folha seca. E, no entanto, foi exatamente esse ruído que ouvi quando levantei a borda inferior de um vestido do século XIX e deixei a luz deslizar sobre seu forro. Era quase imperceptível, mais sentido pelas pontas dos dedos do que pelos ouvidos, mas foi suficiente para me fazer ficar imóvel.

Por alguns instantes, observei o tecido verde-escuro, cujo brilho ainda conservava algo do esplendor de mais de cem anos atrás. Depois, baixei cuidadosamente o material sobre o suporte preparado para ele. Não voltei a tocá-lo antes de verificar a leitura do higrômetro.

Quarenta e um por cento.

Muito pouco.

Na sala que estava sendo preparada para uma exposição de trajes históricos das famílias de industriais de Łódź, a umidade relativa do ar deveria ser um pouco mais alta e, sobretudo, estável. Entretanto, desde aquela manhã, havia caído sete pontos percentuais. O sistema de climatização funcionava com um zumbido constante, como se nada de extraordinário estivesse acontecendo.

— Mais uma vez — murmurei para mim mesma.

Minha voz ecoou pelo teto alto da antiga fábrica. Pelas enormes janelas entrava a luz de novembro, fria e implacável com qualquer sinal de deterioração. Na outra extremidade da sala, dois técnicos posicionavam uma vitrine cuja estrutura metálica deveria conferir uma elegância contemporânea a toda a exposição. Sua elegância não me

interessava. O que me interessava era saber se as vedações realmente atendiam aos parâmetros estabelecidos nas especificações técnicas.

Havia nove meses eu trabalhava naquele projeto, que deveria abrir caminho para meu próprio ateliê de conservação e restauração. Não para mais um cargo em uma instituição onde as decisões eram tomadas durante reuniões de pessoas incapazes de distinguir cetim de tafetá. Meu próprio ateliê. Com clientes escolhidos por mim e responsabilidades que eu não precisaria dividir com gente mais preocupada com a data de uma coletiva de imprensa do que com o estado de conservação de uma peça histórica.

Eu tinha trinta e quatro anos, economias suficientes para manter o negócio funcionando durante oito meses e um contrato preliminar de aluguel assinado para um pequeno imóvel na rua Wschodnia. Faltava apenas a recomendação definitiva após a conclusão daquela exposição.

Meu celular vibrou no bolso do jaleco.

A mensagem era de Hania, minha amiga e futura sócia, e vinha acompanhada de uma fotografia de uma sala vazia com uma janela enorme.

O proprietário concordou em esperar até o fim do mês. Depois disso, vai alugar para outra pessoa. Só não vá se apaixonar por algum problema de museu.

Sorri apesar da tensão.

Hania me conhecia havia tempo suficiente para saber que o perigo não estava nos homens. Estava nos objetos que ninguém queria salvar, porque salvá-los exigia dinheiro, paciência ou a coragem de admitir um erro.

Guardei o celular e voltei ao vestido.

À primeira vista, era impressionante. Seda verde-escura, aplicações feitas à mão e delicadas costuras formando desenhos de pequenos ramos. A peça pertencera a Helena Wernicka, esposa de um dos industriais de Łódź. Segundo a documentação preservada, ela a usara durante uma recepção em 1896.

Mas não era o vestido que atraía minha atenção.

Atrás dele, em uma estrutura separada, estava pendurada uma cortina proveniente da mesma residência. Pesada, da cor de ouro envelhecido, adornada com bordados discretos. Ela constituía o elemento central da ambientação planejada, um símbolo do mundo privado escondido dos olhares da Łódź industrial.

E era justamente aquela cortina que me inquietava.

No dia anterior, eu havia observado uma leve separação das fibras perto do ponto de fixação superior. Naquele dia, o dano parecia maior. Não o suficiente para ser percebido por um visitante casual, mas o bastante para me impedir de assinar tranquilamente o laudo autorizando a exposição da peça.

Aproximei-me da estrutura e pedi ao técnico que desligasse a saída de ar acima da área de trabalho.

— Algum problema de novo? — perguntou ele.

— Ainda não sei. É justamente por isso que quero que paremos de agir como se estivesse tudo bem.

O homem suspirou, mas pegou o rádio comunicador.

Antes que eu conseguisse afastar a cobertura de proteção, ouvi passos atrás de mim. Firmes, regulares, sem a pressa que, havia uma semana, parecia ter contaminado praticamente todos os funcionários do museu.

— Senhora Tatiana?

Virei-me.

O homem parado a poucos passos de mim usava um terno cinza-chumbo, sem gravata, e uma camisa branca com o primeiro botão aberto. Era alto, mas o que chamava atenção não era propriamente sua altura, e sim sua postura. Não olhava ao redor procurando alguém mais importante. Olhava diretamente para mim, como se a conversa que pretendia iniciar realmente exigisse minha presença.

— Depende de quem está perguntando — respondi.

O canto de sua boca se moveu discretamente.

— Leopold Ryś. Sou o curador responsável pela exposição.

Eu conhecia aquele sobrenome pela correspondência. Era sua assinatura que aparecia nas mensagens sobre os sucessivos prazos, a aprovação das vitrines e os convites para a inauguração. Entretanto, nunca havíamos nos encontrado pessoalmente. Na minha imaginação, Leopold Ryś era um homem de mais de sessenta anos, que usava paletós de tweed e tratava o cronograma da exposição como um documento de importância constitucional.

Em vez disso, diante de mim estava um homem que estimei ter pouco menos de quarenta anos. Tinha cabelos escuros, com os primeiros fios prateados nas têmporas, e o olhar de alguém acostumado a perceber detalhes. Não parecia o tipo de pessoa que desistia facilmente das próprias convicções.

— Nesse caso, ainda bem que veio — falei. — Precisamos conversar sobre a cortina dos Wernicki.

— Foi exatamente por isso que vim.

Observei-o com mais atenção.

— O senhor sabe do dano?

Por um breve instante, seu rosto permaneceu imóvel.

— Sei que a senhora apresentou algumas ressalvas.

— Eu comuniquei uma alteração no estado de conservação do tecido. Ressalvas podemos ter em relação à cor das paredes.

Ele não se ofendeu. Em vez disso, aproximou-se da estrutura, parando exatamente antes da linha de segurança demarcada no chão. Percebi aquilo involuntariamente. A maioria das pessoas ultrapassava aquela linha sem pensar, especialmente quando queria demonstrar o quanto se interessava por objetos históricos.

— Posso ver? — perguntou.

Entreguei-lhe as fotografias que havia preparado, tiradas com iluminação lateral. Ele as examinou durante algum tempo, alternando o olhar entre as imagens e a peça original. Não fingiu compreender mais do que realmente compreendia.

— O que significa esta linha mais clara? — perguntou finalmente.

— Um enfraquecimento dos fios da urdidura. Por enquanto, localizado. O problema é que o peso da cortina exerce tensão justamente sobre essa região.

— Podemos alterar o sistema de fixação?

— Talvez. Mas primeiro preciso determinar se as fibras suportariam qualquer carga adicional.

Ele se endireitou lentamente.

— A inauguração está marcada para daqui a onze dias.

— Eu sei. Vi o cronograma.

— A direção já convidou os visitantes, os parceiros e a imprensa.

— A seda não lê convites, senhor Ryś.

Dessa vez, ele sorriu de verdade. Um sorriso breve, quase contra a própria vontade. Fiquei surpresa com o quanto aquilo transformou seu rosto. A severidade deu lugar a algo mais caloroso, perigosamente humano.

— Leopold — corrigiu ele. — Já que vamos conversar sobre coisas que não respeitam cronogramas.

— Tatiana.

Não estendi a mão. Eu estava usando luvas e, entre nós, havia uma peça cujo valor superava tudo o que eu havia ganhado durante minha vida profissional. Mesmo assim, por um instante, tive a impressão de que a ausência daquele gesto tão comum tornava nossa apresentação mais pessoal.

Leopold voltou a olhar para a cortina.

— Preciso de uma avaliação sua sobre a possibilidade de estabilizar a peça. Por escrito.

— Vai recebê-la quando eu terminar os exames.

— E se eu disser que preciso dela amanhã?

— Vou dizer que o tempo disponível não aumenta só porque alguém expressa um desejo.

Ficamos em silêncio por alguns instantes. Ao fundo, o rádio do técnico emitiu um chamado, enquanto, em algum lugar do outro lado da parede, alguém arrastava estruturas metálicas pelo piso.

Leopold poderia ter encerrado nossa conversa com uma ordem formal. Poderia ter me lembrado do contrato, do

orçamento ou das consequências de um atraso. Em vez disso, examinou a costura dupla na borda da cortina.

— Esta parte já foi reparada antes — observou.

Assenti, surpresa com a precisão de sua observação.

— Provavelmente na década de trinta. E é justamente ali que o problema começa.

— Nesse caso, por favor, me mostre o que mais eu ainda não estou conseguindo enxergar.

Eu não esperava ouvir aquelas palavras. Especialmente pronunciadas com tamanha tranquilidade, sem condescendência e sem qualquer tentativa de demonstrar superioridade.

Afastei-me um pouco, abrindo espaço para ele ao lado da bancada. Percebi o aroma sutil de sua colônia, quente, com notas amadeiradas, completamente deslocado naquela sala fria. Ele não se aproximou mais do que o necessário para examinar as fotografias. Aquela discrição despertou minha curiosidade muito mais do que qualquer gesto ousado poderia despertar.

Mostrei-lhe a região danificada.

— Se inaugurarmos a exposição sem a estabilização adequada, podemos perder um fragmento impossível de recuperar.

Leopold demorou a responder.

— E, se não inaugurarmos a exposição — disse finalmente -, podemos perder algo pelo qual trabalhamos durante os últimos três anos.

Não soou como uma ameaça. Pareceu mais uma admissão de que havia entre nós um problema maior do que uma única cortina.

Olhei para ele. Ainda observava o tecido, mas, quando virou a cabeça, nossos olhares se encontraram de perto.

— O que você está disposto a sacrificar para cumprir o prazo? — perguntei baixinho.

Algo surgiu em seus olhos, algo que eu ainda não sabia nomear.

— Prefiro primeiro saber o que você não vai permitir que eu sacrifique.

Em vez de responder, voltei a olhar para a seda. Durante toda a minha vida profissional, eu havia confiado mais nos objetos do que nas pessoas. Um tecido danificado não fingia estar intacto quando se sabia onde procurar. As pessoas eram capazes de esconder com muito mais cuidado os pontos em que começavam a se romper.

E era justamente por isso que me perturbava tanto querer descobrir a resposta para uma pergunta que eu não tinha coragem de fazer em voz alta: será que o homem ao meu lado seria capaz de proteger aquilo que realmente importava, mesmo que o preço fosse perder justamente o que ele próprio mais desejava preservar?

Capítulo 1 - O Limite da Resistência

A primeira coisa que fiz depois da conversa com Leopold Ryś foi fechar a porta da sala de preparação. A segunda foi tirar as luvas e registrar o horário no diário de conservação. Às dezesseis horas e vinte e três minutos, concluí que os preparativos para a exposição da cortina dourada deveriam ser suspensos. Nenhuma decisão do curador, do diretor ou de um patrocinador poderia alterar as propriedades das fibras de seda. Poderia, no entanto, determinar se alguém acabaria destruindo-as.

Espalhei as fotografias sobre a mesa e ampliei a última sequência de imagens. A separação das fibras perto do ponto de fixação seguia uma linha diagonal, acompanhando os fios enfraquecidos da urdidura. O antigo reparo, feito com um fio mais escuro, não era tão inofensivo quanto parecera durante os exames anteriores. Mantinha uma parte do tecido mais presa do que as demais, fazendo com que o peso da cortina se distribuísse de maneira desigual.

Eu estava justamente comparando as imagens com a documentação de um mês antes quando alguém bateu à porta.

— Pode entrar — respondi, sem desviar os olhos do monitor.

Leopold entrou carregando duas pastas de papel. Tinha o paletó apoiado sobre o antebraço e as mangas da camisa dobradas. Parecia menos formal do que durante nossa primeira conversa, embora ainda houvesse algo decidido em seus movimentos.

— Trouxe a documentação da montagem anterior e o histórico de conservação — anunciou.

— Esses documentos deveriam estar no arquivo do projeto.

— E estão. Só que nem todos foram digitalizados.

Ele colocou as pastas sobre uma parte livre da mesa, tomando cuidado para não esbarrar em meus instrumentos. Apreciei aquela cautela, embora não pretendesse dizer isso a ele.

— Qual é a gravidade? — perguntou.

Virei o monitor em sua direção.

— Pior do que eu imaginava esta manhã. O reparo feito há algumas décadas criou um ponto de tensão. Com o sistema atual de suspensão, a peça pode sofrer danos adicionais.

— Pode sofrer ou vai sofrer?

— Não tenho como prever. E é justamente por isso que não podemos fazer esse teste com o original.

Ele puxou uma cadeira, mas, antes de se sentar, perguntou se não atrapalharia. Fiz que não com a cabeça. Durante os quinze minutos seguintes, analisamos fotografias, desenhos antigos e a descrição da estrutura de fixação. Ele fazia perguntas específicas, sem tentar demonstrar conhecimentos de conservação que não possuía. Quando não entendia alguma coisa, pedia que eu explicasse.

Aquilo era irritantemente atraente.

Não seu rosto, embora fosse difícil fingir que eu não o havia observado. Nem a camisa elegante ou a voz tranquila. O que mais me agradava era sua capacidade de ouvir sem interromper.

O problema surgiu apenas quando passamos às decisões.

— Podemos deslocar a vitrine e instalar uma estrutura adicional para distribuir o peso — sugeriu. — Os técnicos terão quatro horas livres amanhã, antes da montagem da próxima parte da exposição.

— Ainda não sabemos se será seguro movimentar a cortina.

— E se construirmos a estrutura sem deslocar a peça?

— Primeiro preciso examinar toda a borda superior. Isso significa trabalhar com o tecido disposto horizontalmente, sobre uma superfície que ofereça apoio completo.

Leopold fechou a pasta.

— De quanto tempo você precisa?

— Para o diagnóstico? Dois dias. Para preparar uma solução segura, talvez mais cinco. E não prometo que, depois disso, vou autorizar a exposição da cortina.

— Temos onze dias até a inauguração.

— Dez, contando a partir de amanhã.

— Eu sei, Tatiana.

A maneira como pronunciou meu nome foi tranquila, quase suave. Não combinava com a tensão que começava a crescer entre nós.

— Então deveria entender que não vou lhe dar uma garantia que não tenho.

— Não estou pedindo uma garantia. Estou pedindo um plano.

Recostei-me na cadeira.

— Meu plano era concluir a documentação amanhã, entregar o relatório na sexta-feira e finalizar o trabalho com

as peças que estão estáveis. Se vamos tentar salvar essa cortina, todo o cronograma terá de mudar.

— O que você está disposta a adiar?

Pensei no contrato de aluguel, em Hania e em nosso futuro ateliê. Cada dia adicional que eu passasse ali significava um dia que não poderia dedicar à conquista dos meus próprios clientes. Eu tinha direito a receber pelo trabalho extra, mas o dinheiro não era o único problema.

— Essa é a pergunta errada — respondi. — Primeiro precisamos estabelecer o que o museu está disposto a mudar.

Leopold me observou atentamente.

— O escopo dos trabalhos. A distribuição dos técnicos. O orçamento para materiais. Também podemos abrir mão de parte da ambientação.

— E a data da inauguração?

Ele permaneceu em silêncio por um instante um pouco longo demais.

— Por enquanto, gostaria de mantê-la.

Não levantou a voz. Não tentou me intimidar. Mesmo assim, ouvi em sua resposta um limite que ele não pretendia ultrapassar.

— Nesse caso, talvez não consigamos chegar a um acordo.

Durante alguns segundos, ele me observou sem dizer nada. Depois se levantou e caminhou até a janela. No pátio da antiga fábrica, as primeiras luminárias haviam sido acesas. Sua luz se refletia nos tijolos molhados, dando ao edifício a aparência de um lugar suspenso entre o passado e o presente.

— Esta exposição não é apenas um evento social — disse ele. — Três anos atrás, começamos com pouco mais de uma dezena de peças e uma ideia que ninguém levava a sério. Hoje temos mais de cem objetos, empréstimos de coleções particulares e o interesse de famílias que, durante décadas, não quiseram disponibilizar suas lembranças.

— Entendo a importância da exposição.

— Não tenho certeza de que você compreenda todas as consequências de adiar a inauguração.

Senti uma pontada de irritação.

— E eu não tenho certeza de que você compreenda as consequências de expor uma peça frágil sem a proteção adequada.

Ele se virou.

— É por isso que estou aqui.

Sua voz já não tinha a cortesia formal de antes. Pela primeira vez, ouvi nela um cansaço que até então não havia percebido.

— Não quero destruir essa cortina, Tatiana.

— Eu acredito em você.

— Mas?

— Mas boas intenções não fortalecem fibras.

Por um momento, ele pareceu prestes a responder com alguma frase áspera. Em vez disso, soltou uma risada curta.

— Você é sempre tão implacável?

— Só com pessoas que tentam negociar com materiais mais antigos que os próprios avós.

— Então ainda tenho alguma chance de receber um tratamento mais gentil?

Eu não esperava aquela pergunta. Muito menos minha própria reação.

— Depende do seu comportamento.

O sorriso surgiu lentamente, sem qualquer sinal de triunfo. Leopold apoiou a mão no encosto da cadeira, e de repente percebi que nossa conversa havia deixado de ser exclusivamente sobre a cortina.

Aquilo não durou muito. Do corredor veio um estrondo, seguido pela voz de um técnico.

— Senhor curador! Estamos com um problema na estrutura!

Saímos quase ao mesmo tempo.

Perto da área central de trabalho, dois funcionários tentavam estabilizar um elemento metálico da montagem. Uma das fixações havia escapado do trilho. A estrutura não chegara a tocar a peça histórica, mas sua parte inferior havia descido perigosamente perto da cobertura de proteção da cortina.

— Por favor, não levantem nada — ordenei com firmeza.

Leopold repetiu imediatamente a instrução aos funcionários. Não tentou assumir o controle das minhas decisões. Cuidou de isolar a área enquanto eu verificava se a estrutura havia entrado em contato com o tecido.

A borda superior da cortina não fora atingida pelo metal. Entretanto, percebi outra coisa: um pequeno deslocamento do peso havia provocado o estiramento de parte da costura antiga.

— Precisamos retirar a carga — anunciei.

— Agora?

— Agora.

Levamos quase uma hora para preparar um apoio seguro. Orientei os técnicos a posicionarem uma mesa larga sob a estrutura e a cobrirem sua superfície com materiais de proteção quimicamente neutros. Com a ajuda de duas pessoas, transferimos gradualmente o peso da cortina para o apoio, até que o tecido deixasse de ficar suspenso livremente.

Leopold executava exatamente as tarefas que eu lhe indicava. Quando pedi que segurasse a borda do suporte, ele o fez sem comentários. Quando ordenei que se afastasse, afastou-se. Em determinado momento, nossas mãos ficaram em lados opostos da seda, separadas por uma fina camada de tecido não tecido de proteção.

— Mais dois centímetros — pedi.

— Na sua direção?

— Sim. Devagar.

Ele me olhou por cima do material.

— Confio em você.

Não respondi. Precisava me concentrar na tarefa, mas aquelas duas palavras permaneceram em algum lugar sob a superfície dos meus pensamentos.

Quando a última parte da cortina ficou apoiada, finalmente me permiti respirar com tranquilidade. O dano não havia aumentado durante a operação. Fizemos tudo o que estava ao nosso alcance para reduzir as tensões adicionais.

Os técnicos saíram depois de proteger a área de trabalho. Permaneci junto à mesa, completando a documentação. Leopold trouxe dois copos de água da sala ao lado.

— Não sei se você toma café — comentou. — Achei que água seria uma escolha menos controversa.

Aceitei o copo.

— Boa decisão.

— A primeira de hoje?

— Não vamos exagerar na avaliação.

Ele se sentou à minha frente. Durante alguns instantes, bebemos em silêncio, observando o tecido pesado estendido sobre a mesa. De perto, seu dourado revelava muitos tons, desde um mel pálido até os sulcos quase marrons dos bordados.

— Por que justamente os tecidos? — perguntou.

A pergunta soou diferente das anteriores. Não dizia respeito ao cronograma nem à segurança. Dizia respeito a mim.

— Porque conseguem guardar vestígios de pessoas que já não podem contar suas histórias — respondi. — A maneira como algo foi reparado, uma dobra, uma mancha. Às vezes, um único ponto de costura diz mais do que um arquivo inteiro.

— Parece que você confia mais nos objetos do que nas pessoas.

Olhei para ele.

— Muitas vezes tenho motivos para isso.

Ele não tentou pedir explicações. Em vez disso, girou delicadamente o copo entre as mãos.

— Meu pai colecionava fotografias antigas de Łódź. Não porque fossem valiosas. Ele queria saber como eram os lugares antes que alguém decidisse que valia a pena

modificá-los. Quando eu era criança, me levava para caminhar e mostrava os edifícios que já não existiam.

— Você se tornou curador por causa do seu pai?

— Em parte. Acho que eu queria impedir que pelo menos algumas coisas desaparecessem sem deixar vestígios.

Pela primeira vez, enxerguei nele algo além do homem responsável pela exposição. Aquela necessidade de preservar o passado me parecia inquietantemente familiar. Nossos métodos eram diferentes, mas talvez a origem de nossas ambições estivesse em lugares semelhantes.

O celular de Leopold vibrou sobre a mesa. O nome da diretora apareceu na tela. Ele olhou para o aparelho e o virou para baixo.

— Não vai atender? — perguntei.

— Retorno a ligação daqui a alguns minutos.

— Pode ser sobre a exposição.

— Quase certamente é sobre a exposição.

— Então?

Ele me olhou com aquele sorriso tranquilo, difícil de decifrar.

— Neste momento estou conversando com alguém que tem mais importância para ela do que outra discussão sobre convites.

Não soube o que responder. Suas palavras poderiam ser apenas um reconhecimento do meu trabalho. Mas também poderiam significar algo que eu ainda não queria nomear.

Coloquei o copo sobre a mesa e abri meu caderno.

— Amanhã, às oito, vou começar os exames detalhados. Preciso de duas pessoas para me ajudar, acesso à

documentação e autorização para suspender os demais trabalhos de montagem nesta parte da sala.

— Você terá tudo isso.

— Isso ainda não significa que eu concorde com a data da inauguração.

— Eu sei.

Fechei o caderno.

— E não pretendo assinar nada sob pressão.

Leopold se levantou, mas não caminhou imediatamente até a saída.

— Não estou pedindo isso, Tatiana. Estou pedindo que nos dê uma oportunidade de encontrar uma solução.

Observei-o atentamente. Havia cansaço em seu rosto, obstinação e mais alguma coisa que eu não conseguia separar da minha própria curiosidade.

— Uma oportunidade — respondi. — Sob as minhas condições de segurança.

Ele assentiu.

— Combinado.

Quando saiu, fiquei sozinha junto à mesa. A cortina permanecia imóvel, livre do peso que, durante anos, havia destruído lentamente sua estrutura.

Pensei que as pessoas às vezes eram parecidas. Acostumavam-se tanto à tensão que deixavam de perceber quando ela começava a enfraquecê-las.

Eu ainda não sabia quanta tensão Leopold Ryś era capaz de suportar.

Sabia apenas que, na manhã seguinte, estaríamos trabalhando lado a lado novamente.

E que, contrariando o bom senso, eu estava ansiosa por aquele encontro.

Capítulo 2 - As Condições da Proximidade

No dia seguinte, cheguei ao museu vinte minutos antes das oito. No inverno, Łódź conseguia parecer uma cidade da qual alguém havia apagado as cores. O calçamento molhado, as fachadas cinzentas e o céu baixo sobre os telhados compunham uma paisagem na qual até os tijolos vermelhos das antigas fábricas pareciam desbotados.

Eu gostava daquela hora do dia. A cidade ainda não havia acelerado seu ritmo, e eu podia fingir, por alguns instantes, que o dia pertencia exclusivamente a mim.

Uma entrega de materiais de conservação já aguardava diante da entrada. Duas caixas de papelão, um rolo de tecido não tecido quimicamente neutro e uma embalagem de suportes especializados estavam sobre um carrinho de transporte. Ao lado deles, Leopold falava ao celular.

Ele não me percebeu imediatamente.

— Não posso prometer que a cortina estará pronta — dizia com tranquilidade. — Posso prometer que faremos um diagnóstico completo e apresentaremos as alternativas.

Interrompeu-se para ouvir a resposta.

— Compreendo o prazo. Também compreendo nossa responsabilidade pela peça.

Encerrou a ligação e só então me viu.

— Bom dia.

— Vejo que você começa a manhã exercitando a diplomacia.

— Tentando manter a calma.

— Com sucesso?

— Ainda não sei. Mal são oito horas.

Abriu a porta para mim, mas não tentou pegar minha bolsa de ferramentas. Aquela pequena decisão de não fazer algo despertou em mim mais simpatia do que deveria. Eu estava acostumada a homens que acreditavam que ajudar significava agir sem perguntar. Leopold aparentemente compreendia a diferença.

No laboratório, duas pessoas designadas para o projeto já nos aguardavam: Marta, uma jovem conservadora contratada pelo museu, e Paweł, um técnico especializado em estruturas para exposições. Ambos conheciam suas tarefas. Leopold havia preparado o espaço de acordo com minha lista e ainda providenciara um segundo conjunto de iluminação e acesso a uma pequena sala de documentação.

Não podia acusá-lo de falta de organização.

— Antes de começarmos — anunciei, quando todos ocuparam seus lugares -, precisamos estabelecer algumas regras. Ninguém movimenta o tecido sem minha autorização. Toda mudança de posição deve ser documentada. Se identificarmos um novo dano, interrompemos o trabalho.

Paweł assentiu. Marta abriu seu caderno.

Leopold permanecia perto da porta, ouvindo atentamente.

— Isso também vale para o curador — acrescentei.

— Especialmente para o curador — respondeu ele sem hesitar.

Marta disfarçou um sorriso.

Durante as três horas seguintes, trabalhamos na avaliação do estado de conservação da cortina. As

fotografias com iluminação lateral revelaram áreas que eu não havia identificado anteriormente. Vários fios da urdidura estavam enfraquecidos ao longo de mais de dez centímetros, e o reparo antigo provocava um enrijecimento localizado do material.

Não era uma catástrofe. Era algo mais difícil: uma peça que continuava linda, embora seu estado exigisse cautela.

Por volta das onze, Leopold apareceu com café para toda a equipe. Colocou os copos sobre uma mesa separada, longe da peça histórica, e perguntou se poderíamos conversar depois que eu terminasse os exames.

— Sobre o cronograma? — perguntei.

— Sobre o cronograma e os limites da nossa colaboração.

— Parece uma negociação.

— Porque é.

Eu não tinha motivos para recusar. Precisava de acordos claros tanto quanto ele. Entretanto, não pretendia permitir que a conversa acontecesse diante de toda a equipe, onde seria fácil transformar argumentos objetivos em uma demonstração de autoridade.

Encontramo-nos uma hora depois, em uma pequena sala de reuniões. Leopold levou o plano impresso da exposição, e eu, minha própria lista de condições. Espalhamos os documentos em lados opostos da mesa, como duas pessoas prestes a assinar um cessar-fogo.

— Vamos começar pelo que já sabemos — disse ele.

— A cortina não pode voltar ao sistema atual de fixação.

— Concordo.